



Opinião Econômica

Samuel Pessôa

Pesquisador do BTG Pactual e do FGV
IBRE e doutor em economia



As limitações da Nova República

Para metade da população brasileira, o contrato formal de trabalho deixou de ser um objeto de desejo

Numa pesquisa do canal jornalístico Meio da semana passada, havia uma pergunta que, penso eu, revela a economia que construímos nas últimas quatro décadas. O pesquisador pergunta aos entrevistados o que eles entendem por “melhorar de vida”. Declaram que é ter o próprio negócio 62,3% dos eleitores de Flávio Bolsonaro (PL) e 33,5% dos eleitores de Lula (PT). Declaram que é trabalhar em um contrato CLT com carteira assinada 30,2% dos eleitores de Flávio Bolsonaro e 65,4% dos eleitores de Lula. Essencialmente, para metade da população brasileira o contrato formal de trabalho deixou de ser um objeto de desejo.

A desistência do contrato formal de trabalho por metade da população brasileira expressa a

grande derrota da Nova República: a incapacidade de elevar a produtividade.

De 1985 até 2025 a produtividade da hora de trabalho cresceu, segundo o observatório da produtividade Regis Bonelli, do FGV Ibre, ao ritmo de 0,8% ao ano. Nosso desempenho foi bem pior do que o do americano, cuja produtividade da hora trabalhada cresceu, no mesmo período, ao ritmo de 2% ao ano. Em termos acumulados, a produtividade cresceu 40% por aqui ante 123% nos EUA.

No entanto, a primeira década da Nova República, entre 1985 até 1994, foi gasta com a estabilização da economia. Entre 1995 e 2025, os números não são melhores: a produtividade da hora trabalhada no Brasil cresceu 31% ou 0,9% ao ano.

A baixa taxa de crescimento da produtividade do trabalho tem dois determinantes próximos.

Primeiro, a baixa qualidade da escola pública de ensino fundamental. Metade das diferenças de produtividade do trabalho entre as economias de elevada produtividade e as economias de baixa produtividade é explicada por habilidades cognitivas e socioemocionais embutidas nas pessoas. Ambas são adquiridas nos bancos escolares.

Segundo, o marco legal e institucional que incentiva a correta alocação do capital e do trabalho. Sabemos hoje que a correta alocação dos fatores de produção não está associada a este ou aquele setor. Mas sim a esta ou aquela empresa. Há grande variabilidade

de produtividade entre empresas de um mesmo setor. As boas instituições ?principalmente as legislações tributária e trabalhista, a regulação em geral e o bom funcionamento do judiciário? garantem que as empresas de menor produtividade deixem de operar e que o capital e o trabalho fluam para as empresas de maior produtividade.

Além do ciclo de vida das empresas, o setor formal bem regulado gera um ciclo de vida do trabalho. Nos países ricos, a produtividade do trabalhador empregado cresce ao longo da vida produtiva, pois seu conhecimento e experiência se elevam. Esse processo é muito pior se houver má alocação generalizada dos fatores de produção, como é o caso dos países atolados na armadilha da renda média.

Nossa escola pública tem falhado. Como tratei em coluna recente, para 90% dos alunos o maior problema das escolas públicas é a indisciplina dos próprios alunos.

Na área tributária, os regimes especiais que subsidiam pequenas e ineficientes empresas ?MEI, Simples e lucro presumido? só têm se elevado.

Dada a mediocridade geral de nossa economia, a aposta de cada é buscar o empreendedorismo individual, que tem baixa produtividade. A demanda é esta, e a resposta da política aumenta o espaço para os regimes tributários especiais que subsidiam o ineficiente. O problema se agrava.

Pelo tom da atual campanha eleitoral, não há melhora até onde a vista alcança.

CONTÁ DIGITAL
MEI

Mais que uma conta, um Banrisul de possibilidades.

ABRA SUA CONTA PELO APP.

banrisul
empresas

Hotel Alpestre inicia novo ciclo de investimentos ao completar 40 anos



Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

No ano em que completa quatro décadas de atuação em Gramado, o Hotel Alpestre iniciou, nesta semana, a temporada de Natal Luz com expectativa de superar 90% de ocupação. Ao mesmo tempo, planeja uma nova etapa de qualificação e atualização das instalações, após concluir um ciclo de investimentos de R\$ 18 milhões iniciado há quatro anos. Entre 2026 e 2028, o diretor Adriano Tissot prevê outros R\$ 10 milhões em aportes.

Segundo o diretor, estes investimentos dão resultados diretos na aceitação do público. Em relação a quatro anos atrás, o hotel registra um incremento de 45% da receita e projeta fechar

em 2026 com crescimento entre 5% e 10% na receita.

“O nosso desafio é sempre surpreender o hóspede na sua estadia e experiência no hotel. Com 40 anos de tradição, somos um hotel independente e com característica muito familiar, com valorização da cultura local, seja na gastronomia, na arquitetura ou no aconchego. Desde que implementamos as melhorias, temos conseguido manter uma média de 80% de ocupação, chegando a 95% em períodos de alta temporada como o inverno e o Natal Luz. Apesar dos desafios da economia neste ano, estamos com um bom nível de reservas. Elas tendem a aumentar a partir do final de outubro”, comenta Tissot.

Um dos primeiros passos das mudanças estruturais do Alpestre foi a mudança da fachada do hotel para a Avenida das Hortênsias, uma das principais da cidade. No restaurante, a capacidade mais do que dobrou, chegando a



Tradicional hotel de Gramado dobrou área ocupada e fará aporte na modernização do empreendimento

100 lugares, agora integrados à área comum do hotel. Houve ainda uma redução estratégica no número de quartos, que hoje são 145 divididos em oito categorias.

“Nossa prioridade é a qualidade, e não a quantidade. Garantimos melhorias não apenas estruturais, mas também tecnológicas em 50% dos apartamentos. E como temos 85% do nosso público de famílias, dedicamos uma atenção especial às melhorias na área de lazer, como piscina térmica e recreação. Triplicamos essa área”, diz o diretor.

De modo geral, a área ocupada pelo hotel dobrou neste ciclo de investimento encerrado. A partir de agora e até 2028, a prioridade será, segundo Tissot, na atualização de corredores, mais incrementos tecnológicos em fechaduras e softwares e a atualização de outros 25 quartos.

“Estamos em um ano de preparação para dar continuidade à modernização da nossa operação,

Ficha técnica

- **Investimento:** R\$ 28 milhões
- **Estágio:** R\$ 18 milhões (concluído) e R\$ 10 milhões (em execução até 2028)
- **Empresa:** Hotel Alpestre
- **Cidade:** Gramado
- **Área:** Varejo/Serviços

ao mesmo tempo em que valorizamos uma história de 40 anos”, resume Adriano Tissot.

HOTEL ALPESTRE/DIVULGAÇÃO/JC